

L'EXTREME CONTEMPORAIN – QUEBEC

Luciana Rassier¹

AMRIT, Hélène; RAO, Vijaya (org.). L'extrême contemporain — Québec. Nova Délhi: Goyal, 2021.

Resumo: Resenha de *L'extrême contemporain — Québec*. AMRIT, Hélène; RAO, Vijaya (org.). Nova Délhi: Goyal, 2021.

Palavras-chave: Extremo contemporâneo; Quebec; Memória coletiva; Inventário das ausências; filiação.

Abstract: Review of *L'extrême contemporain — Québec*. AMRIT, Hélène; RAO, Vijaya (org.). New Delhi: Goyal, 2021.

Key-words: Extreme contemporary; Québec; Collective memory; Inventory of absences; Affiliation.

A noção de “extremo contemporâneo” interpela, instiga reflexões e exige releituras, ajustes e ressignificações constantes. Frequentemente, uma

¹ Professora associada de Língua francesa e de Literaturas de expressão francesa no departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Literatura Brasileira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Pós-Doutorada em Literatura e Memória em Contextos Multi e Transculturais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Pós-Doutorado em Literatura Comparada e Tradução, Université de Rennes 2, França (2015-2016). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2821-9851>. Email: lucianarassier2020@gmail.com.

“inquietante estranheza” (*das Unheimliche*) nos toma, face ao mundo em que nos inserimos, mas que se recusa incessantemente a caber em classificações ou conclusões estanques. A fim de contribuir à discussão e à compreensão desse período no Quebec, *L'extrême contemporain — Québec*, publicado em língua francesa em 2021, pela editora Goyal, de Nova Délhi, e organizado por Vijara Rao, professora no *Centre for French & Francophone Studies* da *Jawaharlal Nehru University* e por Hélène Amrit, professora de literaturas de expressão francesa da *Université de Limoges*, reúne onze artigos e uma entrevista com a escritora sino-canadense Ying Chen. Fruto de um colóquio que aconteceu presencialmente em Nova Délhi em fevereiro de 2020, essa obra foi pensada de modo a privilegiar a pluralidade de vozes, perspectivas e percursos na medida em que os autores são pesquisadores sêniores e júniores, oriundos de lugares tão diversos quanto Áustria, Brasil, Canadá, Croácia, França, Índia e Itália e atuando em diferentes áreas de conhecimento, a saber, cinema, história, história da arte, lexicologia, literatura, literatura comparada, sociolinguística, tradução e teatro. Essa multiplicidade é enfatizada pelas organizadoras no texto de introdução, “*Mélange générationnel, mélange des domaines, mélange des pays, des cultures et des langues, inscrit dans un contexte dépaysant pour les européens et les américains*” (AMRIT; RAO, 2021, p.01). Se todos os trabalhos se referem a diferentes manifestações culturais do Quebec, as temáticas são variadas, assim como os autores e autoras analisados: Carola Saavedra (Brasil), Linda Lê (França), Marie Vieux-Chauvet (Haiti), os quebequenses Catherine Mavrikakis, Michel Noël e Sonia Perron, a sino-canadense e exófono Ying Chen e o inclassificável nômade cultural Dany Laferrière.

Organizados em duas partes divididas em duas subpartes (“*L’inventaire des absences: de la filiation... à la mémoire collective; Graffiti sur un mur à venir: des enjeux politiques... aux enjeux de création*”), os trabalhos que compõem o livro convergem para o caráter “desconcertante” das obras do extremo contemporâneo, que não buscam corresponder às expectativas dos leitores,

mas sim modificá-las, como já apontava Dominique Viart (2008) em estudo emblemático sobre o período.

No grupo de trabalhos que se interessam à filiação, Doris Eibl analisa a obra *La ballade d'Ali Baba* de Catherine Mavrikakis, composição de episódios vividos ou inventados, de lembranças reconstituídas a partir de fotografias e objetos, fatos, ficções, demonstrando como a narrativa desse Outro, que são os antepassados, pode levar a si mesmo. A narradora Érina é visitada pelo espectro do falecido pai, tornando-se uma profanadora de túmulos, no sentido próprio e figurado, em uma escrita memorial de dimensão arqueológica. Já Zilá Bernd compara essa mesma obra ao romance *Com armas sonolentas* de Carola Saavedra, e enfatiza, por um lado, o papel da memória intergeracional e “as estratégias de desvelamento da invisibilidade e da inaudibilidade” da ancestralidade, e, por outro lado, o “inventário das ausências” e o caráter desconcertante dessas narrativas. Partindo dos conceitos de *Unheimlich* (FREUD, 1919) e de duplo (RANK, 1971), Mohar Daschahuri reflete sobre o fantástico nas obras de Ying Chen e de Linda Lê, nas quais o exílio engendra a culpa pela ruptura e/ou o desdobramento face a uma voz oriunda do passado. Personagens fragmentados e narradores instáveis revelam-se incapazes de fazer o “inventário das ausências”. A abordagem comparatista que Rebecca Vedavathy Brindavan faz das obras de Dany Laferrière e de Marie Vieux-Chauvet prioriza a perda da transmissão na representação literária de figuras e símbolos do sincretismo religioso no contexto da literatura quebequense de origem haitiana e da literatura haitiana através do conceito de *religioscapes* (MCALISTER, 2005) no que tange ao eixo espacial e de literatura desconcertante (VIART, 2013) para o eixo temporal.

Abrindo o bloco de três capítulos consagrados mais especificamente à memória coletiva, Mirna Sindičić Sabljo interessa-se pela recriação da experiência traumática e pelos processos da memória em romances de Michel Noël e de Sonia Perron que reescrevem a memória coletiva ao retratar os

pensionatos de crianças autóctones do Quebec. Aliando questionamentos sobre a escrita de textos dramaturgicos e apropriação cultural, Geneviève Bélisle investiga a cultura dos Mi'gmaq da Gaspésie refletindo sobre as possibilidades e os dilemas de se falar sobre o Outro a partir de um imaginário multicultural. Com uma visão diacrônica do teatro quebequense de 1945 a 2015, fruto de um trabalho coletivo desenvolvido durante oito anos e que resultou na publicação de uma obra pela editora *Les Presses de L'Université de Montréal* em 2020, Yves Jubinville retraça os jalões cronológicos, as personalidades e as instituições marcantes, interrogando-se sobre o futuro e as mutações dessa “arte viva”, fragmentada e multicultural.

A subparte que trata de questões políticas inicia pelas observações de Anne Tréanier sobre uma mutação do ideal nacional a partir da análise das narrativas das esculturas da fachada da Assembleia Nacional e da *Fresque des Québécois*, ambas do século XIX. A historiadora aponta a mudança de uma narrativa do Quebec como “nação cultural” para uma “cultura da nação” e destaca que a leitura do afresco permite constatar que o passado segue vivo no presente, assim como o futuro. Por sua vez, a lexicógrafa Nadine Vincent propõe uma análise de citações de obras do Quebec utilizadas no dicionário quebequense *Usito* e no dicionário francês *Petit Robert 2021*, vindo a concluir que, naquele, tais citações ilustram utilizações panfrancófonas, enquanto que, neste, exemplificam principalmente especificidades linguísticas e culturais quebequenses. É à produção recente de HQs em Montreal e à tradução de HQs do francês para o inglês que Anna Giaufret consagra seu estudo, que abarca casos de tradução e de autotradução, com ênfase nas especificidades quebequenses da língua e suas respectivas estratégias de tradução cultural. Também são evocadas características do sistema editorial e perspectivas do mercado francófono face à produção anglófona, mais abundante.

As questões de criação ocupam o primeiro plano no capítulo de Kusum Aggarwal, que se debruça sobre romances de Dany Laferrière para averiguar

como o escritor, originário do Haiti, liberta-se de um imaginário nacional, inscrevendo-se em um nomadismo cultural e construindo, por *mise en abîme*, personagens de autores que transitam entre diferentes culturas. O livro encerra com uma entrevista que Ying Chen concede a Hélène Amrit e Vijaya Rao. Nascida em Xangai em 1961, a escritora sino-canadense, que estreou na literatura em 1992, é poliglota e exótona, pois escreve romances e ensaios preferencialmente em francês, traduzindo suas obras para o mandarim e o inglês. Nessa entrevista, além de discorrer sobre a literatura-mundo, a apropriação cultural, a mobilidade dos gêneros textuais, das fronteiras e das culturas, Ying Chen afirma que sua obra corresponde a uma “literatura vacilante sem mundo”, por interpelar não só questões de espaço mas também de temporalidade – relacionando-se, assim, ao que Ottmar Ette define como a “literatura sem morada fixa”.

Esta coletânea de artigos vem se somar aos anais do colóquio publicados, graças ao empenho de Zilá Bernd, na revista eletrônica *Interfaces Brasil-Canadá* em 2020. Ambas as publicações, com públicos e alcances diferentes, representam uma importante contribuição às reflexões de áreas como cinema, história, história da arte, lexicologia, literatura, literatura comparada, sociolinguística, tradução e teatro sobre o extremo contemporâneo, que é, na imagem de Michel Chaillou, um cartaz que mal se descola do presente (CHAILLOU, 1987). Para compreender essa época multifacetada, que é ao mesmo tempo familiar e estranha, desconcertante, a escolha metodológica de multiplicar vozes, temáticas e pontos de vista produziu uma obra polifônica e instigante, cuja leitura traz elementos de resposta e incita a novas interrogações e pesquisas.

AMRIT, Hélène; RAO, Vijaya (org.). *L'extrême contemporain — Québec*. Nova Délhi: Goyal, 2021.

CHAILLOU, Michel. *Dictionnaire des œuvres littéraires du Québec*. Montreal: FIDES, tomo 5, 1987.

ETTE, Ottmar. A transarealidade das literaturas do mundo. América Latina entre Europa, África, Ásia e Oceania. Trad. Cláudia Fernanda Pavan. In: NEUMANN et al. (Org.). *Arquipélagos. Estudos de Literatura Comparada*. Porto Alegre: Ed. Bestiário, 2018.

FREUD, Sigmund. *Das Unheimliche* (1919). Tradução de Marie Bonaparte e E. Marty. Disponível em: <http://dx.doi-org/doi.10.10.1522/030149457>.

MCALISTER, Elizabeth. Globalization and the religious Production of Space. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v.44, n.3, 2005, p.249-255.

RANK, Otto. *The Double: A Psychoanalytic Study*. Chapel Hill : University of North Carolina, 1971.

VIART, Dominique; VERCIER, Bruno. *La littérature française au présent*. T.2. Paris: Bordas, 2008.

VIART, Dominique. Au risque du contemporain. Pour une critique des enjeux. *Les temps modernes*, v.1, n.672, 2013, p.242-253.

Recebido em 01/02/2022.

Aceito em 15/02/2023.